

SOBRE “ANTONIO MIGUEL”

O meu trabalho nasce sempre a partir de uma impossibilidade de afirmação. Afirmação no sentido da certeza.

A sociedade empurra-nos sempre para os valores afirmativos: a potência, a força, o poder, a conquista, a harmonia, etc. E o que me interessa é o que está por detrás de tudo isso, como por exemplo a fragilidade, os medos, o ridículo, o monstro que pode estar dentro de nós.

Como vivemos com a incerteza, os nossos limites, o desconhecido e portanto a mortalidade, em confronto com a cultura e a construção que fazemos do mundo? Gosto muito de confrontar o meu trabalho criativo com o ser natural em oposição ao ser cultural. “Antonio Miguel” nasceu a partir destes princípios e também da necessidade ou da importância dos espectáculos nas nossas vidas e nas nossas sociedades. E sobre criação, criador, original (idade) e identidade. O indivíduo em relação com os outros e a necessidade de um espelho para que nos possamos concretizar.

Na altura (este dueto foi criado em 1999 e a estreia foi em Março de 2000) deveria criar um solo mas sentia-me demasiado só (solo), impotente em ser criativo isoladamente. E perguntava-me se seria possível, então, desenvolver este solo em dois, partilhando com outro alguém as minhas ideias, os meus desejos e as minhas dúvidas. E encontrei, por acaso, Antonio, que estava em Lisboa para dar um curso de dança. Conhecemo-nos e identificámo-nos de tal modo que quisemos trabalhar juntos.

Queria questionar também o meu papel como indivíduo no espectáculo, seja como intérprete seja como criador, e qual era a verdadeira necessidade de me afirmar nesse campo.

Será que tenho qualquer coisa de original para dizer ou sou um híbrido de várias personagens que absorvo e transformo (a ideia do actor, da representação, etc.)? O que é que encontro no fundo de mim próprio? Qual é a urgência em comunicar? (Como dizia Barthes, no fundo, todos temos necessidade em ser amados!) Será que isso corresponde às minhas expectativas, do que espero dos outros e do que eles esperam de mim? Tenho um estilo? Que linguagem utilizo?

Decidi retomar a personagem da *popstar* como paradigma, ícone e mito do espectáculo. A magia, a fantasia, o *glamour*, a perfeição, a sedução, o poder, uma espécie de ser imortal que está ali para nos iludir e nos fazer esquecer o sofrimento da carne e da alma. Este personagem foi criado a partir de uma performance que fiz em 1999 - mesmo antes de “Antonio Miguel” - com Margarida Mestre, M&M’s, onde o utilizava como veículo de prazer e entretenimento. E desloquei-o para uma zona de reflexão e questionamento que é para mim, também, o espectáculo.

Miguel Pereira respondendo às perguntas de David Bernadas da revista “Mouvement”, a propósito da apresentação de “Antonio Miguel” no Théâtre de la Bastille.